

Analizando notícias que divulgam ciência: O indiciamento de modelos de comunicação pública da ciência pela organização enunciativa

Marcos Filipe Zandonai (UNISINOS)*

<http://orcid.org/0000-0001-7731-8533>

Eduardo Paré Glück (UNISINOS)**

<https://orcid.org/0000-0001-5032-9582>

Resumo:

O objetivo deste estudo é entender de que maneira os comportamentos enunciativos atribuem papéis aos sujeitos convocados no discurso em notícias da revista Galileu, estabelecendo certa relação entre eles e os temas científicos. Com isso, investigamos como a organização enunciativa representa o contato dos sujeitos com a ciência. Além das categorias de Charaudeau (2014), valemo-nos dos modelos de comunicação da ciência (LEWENSTEIN, 2003), para analisar essas notícias sobre ciência. Os resultados revelam as posições enunciativas do texto ecoando certas concepções da revista sobre o estatuto da ciência, como a grandiosidade, a irrefutabilidade e as dúvidas quanto a certas constatações apresentadas.

Palavras-chave: Divulgação científica; Modalidades enunciativas; Modelos de comunicação pública da ciência.

Abstract:

Analyzing scientific dissemination news: The indictment of models of public communication of science by the enunciative organization

This study aims to understand how the enunciative behaviors assign roles to the subjects summoned in the discourse in the news published in the Galileu online magazine, establishing a certain relationship between them and the

* Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, e doutorando em Estudos Linguísticos (área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso) pela Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. Graduado em Letras também pela UNISINOS. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4413225069642208>. E-mail: marcosfzan@gmail.com

** Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS e doutorando pela mesma universidade. Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa, pela Universidade Paulista (UNIP) e graduado em Letras (Português e Inglês) pela UNISINOS. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3005369308838491>. E-mail: eduardogluck@gmail.com

scientific themes. With this, we investigate how the enunciative organization represents the subjects' contact with science. In addition to Charaudeau's (2014) categories, we use models of science communication (LEWENSTEIN, 2003) to analyze those news about science. The results reveal the enunciative positions of the text, echoing certain conceptions of the magazine about the statute of science, such as grandeur, irrefutability and doubts about certain findings presented.

Keywords: Scientific dissemination; Enunciative modalities; Models of public communication of science.

Introdução

Este estudo provém de pesquisas e de discussões implementadas no grupo de pesquisa *Comunicação da Ciência: Estudos Linguístico-Discursivos* (CCELD), que tem se concentrado em diferentes *corpora* de Divulgação Científica (doravante DC) midiáticos. Em meio às reflexões do grupo, chamou nossa atenção a presença da modalidade alocutiva — enunciados que estabelecem uma relação de força sobre o destinatário (CHARAUDEAU, 2014) — em notícias de DC da revista *Galileu*. Conhecemos o papel de sensibilização da modalidade alocutiva nos trechos conclusivos de outros veículos de DC (FUCHS; SOUZA; GIERING, 2009), e, justamente nesta esteira, buscamos entender melhor os prováveis efeitos de sentido do uso das modalidades enunciativas em geral nos textos de ciência. Esse é o motivo pelo qual decidimos, no presente artigo, observar melhor como os diferentes tipos de posição dos sujeitos e de relação entre eles, projetados nos atos enunciativos (elocutivo, delocutivo, alocutivo) — então, não só no alocutivo —, criam efeitos de sentido e representações do relacionamento com a ciência tematizada.

Com o nosso interesse pela caracterização do funcionamento enunciativo em textos do domínio sociolinguageiro da Divulgação Científica, reavemos a problemática

comunicacional dos valores e das funções da própria DC. Dessa maneira, se o Modo de Organização Enunciativo (CHARAUDEAU, 2014) implica enquadrar conteúdos proposicionais salientando e perspectivando as instâncias enunciativas em tais conteúdos, ou seja, pôr em cena os usos do tema científico possíveis por um ou outro dos sujeitos da enunciação (o eu-enunciador, o tu-destinatário, o ele/especialista). Então, é razoável pensarmos que o Modo Enunciativo reflete modelos de comunicação pública da ciência, segundo possíveis interpretativos de análise. É isso que pretendemos testar neste artigo, relacionando a organização enunciativa com construções sobre o “real”, com valores.

Já detectamos que a influência mostrada — não a que diz respeito ao princípio transaccional de todo e qualquer ato de comunicação (CHARAUDEAU, 2005) —, ou seja, a modalidade alocutiva, estabelecia certos papéis sociolinguageiros aos parceiros do circuito interno (GLÜCK; ZANDONAI, 2021) nos textos da revista *Galileu*. Aqui, expandimos o exame, de maneira que o objetivo do presente artigo é compreender como a encenação enunciativa, qualquer que seja a categoria modal, constrói os papéis dos sujeitos, delocutados ou implicados no texto, na relação com o objeto científico das notícias. A partir do modo como se enquadram

e se distribuem essas diferentes vozes, “hierarquizadamente”, este artigo também descreve e discute concepções de ciência (pelos modelos de comunicação da ciência) como significações subjacentes a essas ocorrências do Modo de Organização Enunciativo.

Esta investigação serve para avançarmos na análise do discurso de Divulgação Científica Midiática, demonstrando as imagens de ciência que parecem incorporadas na enunciação da referida revista, pois a enunciação parece refletir modos de os sujeitos poderem inscrever-se no mundo da ciência, na trama dialógica interna com outros sujeitos convocados enunciativamente. Uma segunda justificativa é a de conferir ao tratamento dos modelos de comunicação da ciência um respaldo linguístico e discursivo — pois essa questão dos modelos tem sido mais debatida nos estudos da Comunicação¹ —, o que pode contribuir para a conscientização desse problema no campo aplicado da DC.

Organizamos este relato da pesquisa apresentando, inicialmente, questões do jornalismo científico e da Divulgação Científica Midiática, contemplando o inventário dos modelos de comunicação pública da ciência. Em seguida, enfocamos a Teoria Semiolinguística e o Modo de Organização Enunciativo, mostrando em que consistem as três modalidades. Esse é o arcabouço para, então, analiticamente mobilizarmos as modalidades enunciativas como categoria linguística que indicia modelos de comunicação da ciência no *corpus*. Passemos, então, agora, ao levantamento de conceitos e orientações que nos dão base teórica.

1 Alguns exemplos são as pesquisas de Costa, Souza e Mazzoco (2010) – esta, inclusive, sendo bastante citada em matéria de modelos de comunicação da ciência – e os seminais trabalhos de Bruce Lewenstein (LEWENSTEIN, 2003; LEWENSTEIN; BROSSARD, 2006), desenvolvidos no âmbito da pesquisa social sobre mídias, não no da linguística do discurso.

Modelos de comunicação científica e a revista *Galileu*

Consoante a Charaudeau (2016a), a Divulgação Científica Midiática (doravante DCM) objetiva informar resultados de pesquisas científicas ou explicar temas da ciência para um grande público. Portanto, a DCM está voltada para um público diversificado e não especialista. Nessa esteira, a midiaticização da ciência consiste na recontextualização de um saber científico, então realocado com novas feições sob uma mudança de contexto (o midiático), o qual redefine o lugar desse saber, os gêneros discursivos no quais se ancora e o tipo de interação que suscita (CHARAUDEAU, 2016a; MOTTA-ROTH; SCHERRER, 2016).

Em lugar da simples transmissão de informações provenientes da esfera científica, a finalidade da DCM, de acordo com Charaudeau (2016a), consiste em “tornar acessível (o conhecimento) a um grande número de indivíduos, divulgando e difundindo os resultados das pesquisas científicas” (CHARAUDEAU, 2016a, p. 1). Trata-se, como explica o linguista, de uma finalidade tanto educativa quanto cidadã, e que, no texto midiático, faz o entrecruzamento dos contextos didático, científico e midiático para tornar mais público o que é/era menos público (CHARAUDEAU, 2016a).

No domínio específico da DCM, Charaudeau (2016a) aponta quatro tipos de restrições, que influenciam o projeto de dizer “individual” de quem cobre ciência na mídia. São elas: (a) restrição de visibilidade; (b) restrição de legibilidade; (c) restrição de seriedade; e (d) restrição de emocionalidade. De forma sintética, a restrição de visibilidade seleciona “apenas os fatos científicos que provocarão um impacto mais ou menos imediato sobre a vida cotidiana dos indivíduos”

(CHARAUDEAU, 2016a, p. 6); a restrição de legibilidade concerne às questões lexicais, da construção frásica, bem como a “textos, títulos e subtítulos, imagens e grafismos de maneira a permitir, ao mesmo tempo, uma compreensão mais imediata” (2016a, p. 6); a restrição de seriedade é marcada para mediar “a distância entre a linguagem científica e a compreensão de um público aberto” (CHARAUDEAU, 2016a, p. 6); por sua vez, a restrição de emocionalidade está na instância de captar seu leitor, de forma a levar a “pesquisa científica como uma aventura em busca da verdade” (CHARAUDEAU, 2016a, p. 6-7). Essas quatro restrições são levadas em consideração na análise das notícias que compõem o *corpus*.

A par disso, no domínio da Divulgação Científica brasileira, temos a revista *Galileu*, uma revista da Editora Globo, que, desde 1991, aborda assuntos ligados à ciência, à história, à tecnologia, à religião e à saúde, principalmente (O GLOBO, 2009). Tem como principal foco atingir leitores jovens e dinâmicos, ligados em informática, em novidades de tecnologia, de comportamento e de consumo (FLORES, 2012).

Isso leva a instância de produção da informação a apresentar a ciência em um regime de “amizade”, por assim dizer, instaurando a fidúcia por meio de chavões, ditados populares e fórmulas de informalidade e proximidade (FRANCISCO; MARQUES, 2018). Afinal, como mostra Midiakit (2015, p. 2), “ela [a revista *Galileu*] tira o leitor da zona de conforto ao tratar de assuntos polêmicos, explica o mundo de igual para igual, como um amigo inteligente e descolado e ajuda o leitor nas questões do seu dia a dia” (MIDIAKIT, 2015, p. 2). Isso resultaria em um ambiente discursivo de simetria no “papo de jovem para jovem”.

Embora a DC seja vista, por um lado, pela

dimensão ética, como instrumento para favorecer a participação dos cidadãos nas tomadas de decisão que envolvem ciência e também impactam a vida deles, por outro lado, ela tem sido inquirida devido a seus objetivos e valores, ao ser midiaticizada. Notadamente, nas análises a respeito de como ocorre a DCM, percebe-se, em muitas notícias, a ausência de menção aos impactos que a descoberta científica pode causar diretamente em setores da sociedade, e a ausência de pontos de vista conflituosos em relação ao conteúdo científico relatado (MOTTA-ROTH; LOVATO, 2011). Isso mostra a complexidade da DCM, ao sustentar-se em concepções de ciência pressupostas. Os estudos em Comunicação oferecem-nos uma classificação de cada modelo de comunicação pública da ciência, definido, genericamente, como uma representação ou modelação do processo comunicacional que ressoa certo paradigma teórico da ciência (VALENÇA, 2015).

Explicamos, na sequência, brevemente, os modelos de comunicação da ciência, que são: (i) modelo do *déficit*; (ii) modelo contextual; (iii) modelo de experiência leiga; e (iv) modelo de participação pública.

O modelo do *déficit* é concebido enquanto um processo unidirecional de simplificação da ciência, que busca traduzir o conhecimento científico dos especialistas para os não especialistas (MYERS, 2003). No modelo contextual, os não especialistas não respondem à informação como recipientes vazios, mas, ao contrário, processam a informação de acordo com os esquemas sociais e psicológicos “delineados pelas suas experiências prévias, contexto cultural e circunstâncias ‘pessoais’” (LEWENSTEIN; BROSSARD, 2006, p. 6). Por seu turno, o modelo de experiência leiga valoriza os conhecimentos locais, que podem ser tão relevan-

tes para a resolução de problemas como os conhecimentos científicos (LEWENSTEIN, 2003). Por sua vez, o modelo de participação pública baseia-se no compromisso de democratização da ciência e da tecnologia (LEWENSTEIN; BROSSARD, 2006). Nesta investigação, observamos como as expressões do Modo de Organização Enunciativo refletem os modelos de comunicação da ciência.

Lima e Giordan (2014) reúnem os modelos de *déficit* e contextual no grupo dos modelos unidirecionais. O contextual entra aí pelo fato de que, embora se entenda que os lugares sociais do público condicionam a compreensão das informações científicas, persiste, nesse modelo, uma segregação entre as esferas científica e do cotidiano. Substituindo a segregação, exsurge uma relação de igualdade nos modelos seguintes, concebidos como “dialógicos”, ou como da “tendência multidirecional”, pois, no lugar de “envio de informação”, há “envolvimento” do público nas pesquisas, cultivando-se seus saberes e suas formulações de políticas científico-tecnológicas (FARES; NAVAS; MARANDINO, 2007, p. 3).

Fares, Navas e Marandino (2007) entendem que os modelos de comunicação pública da ciência traduzem as relações entre ciência e sociedade. De algum modo, isso dialoga com a conceituação de Valença (2015), pois esses autores mostram como os modelos vão sendo configurados em conformidade com reivindicações, com certos movimentos sociais — por exemplo, a necessidade de se superar modelos tecnocratas, de se repensar as intenções das aplicações tecnológicas na sociedade, na ótica do movimento Ciência-Tecnologia-Sociedade (CTS), etc. (FARES; NAVAS; MARANDINO, 2007). Enfatizamos tal substrato social dos modelos para mostrarmos a produtividade da costura que aqui se faz entre uma categoria

sociocomunicacional (os modelos de comunicação pública da ciência) e as categorias linguístico-discursivas da Análise Semi linguística do Discurso (do Modo Enunciativo) (CHARAUDEAU, 2014), também assumidas neste trabalho — e que são objeto da próxima seção deste artigo.

Com efeito, elementos sobre mídia, sociologia, etnografia etc. integram as teorias de Patrick Charaudeau, no território da Linguística do Discurso, de modo que a interdisciplinaridade que tecemos aqui, para analisar os referidos modelos em uma perspectiva enunciativa, tem amparo. Como afirma Machado (2020, p. 60), “nesse caminho, que é interdisciplinar porque assim o permite a própria Semi linguística, de vez em quando sentimos que nas linhas escritas por Charaudeau se entremeiam ecos sonoros de outras vozes que a sua e que parecem com ele dialogar”. Além do mais, como natural justificativa para tais vozes, podemos cogitar que o locutor divulgador científico endossa representações imaginárias sobre ciência as quais seriam anteriormente fomentadas em regimes ou crenças do jornalismo científico ou da DC, por exemplo. Isto é, se as falas de um sujeito locutor são amalgamadas a outras, delas recebendo influência (MACHADO, 2020), apesar do processo de individuação, faz muito sentido que contemplemos os modelos de comunicação pública da ciência na análise discursiva.

Os estudos comunicacionais demonstraram a larga filiação das notícias de DC brasileiras ao modelo do *déficit*, na medida em que a ciência é representada como exata, definitiva, de boa-fé, como destituída de relações com o poder e a política, pois o foco é a tradução de fontes já legitimadas e a produção científica é encenada como esforço individual (MASSARANI; BUYS, 2007; LOOSE; LIMA, 2013).

No tocante aos modelos de comunicação da ciência, Castelfranchi (2021) explica que o público-alvo do divulgador científico é agente, e não paciente. Isto é, este é alguém que sabe realizar ações, que toma decisões e que tem poder. Por essa razão, consoante o pesquisador, um modelo de comunicação da ciência deve ter como base essas características de um cidadão, para que não seja feita uma divulgação científica trivial.

Na literatura, até o momento, não encontramos uma análise propriamente linguística desses modelos, embora o estudo de Motta-Roth e Lovato (2011), sem tratar explicitamente dos modelos, forneça parâmetros globais para esta abordagem. As autoras (2011) identificam, em notícias de DC brasileiras, um monologismo centrado na posição enunciativa da ciência, tornando inaudível a voz do público, dos governos ou de outros pesquisadores cuja temática relaciona-se à da “pesquisa-tópico”, e isso nas citações e modalizações que justamente constroem a ciência como uma questão aberta nos textos.

Concebemos os modelos de comunicação da ciência como valores subjacentes às estratégias discursivas, ou, melhor, como imaginários sociodiscursivos (CHARAUDEAU, 2006). Assim, os modelos seriam núcleos semânticos estáveis, representações que vão sendo reforçadas a cada fala particular, para os locutores se legitimarem (CHARAUDEAU, 2006). Com essa concepção, reafirmamos a coerência da interdisciplinaridade semiolinguística, de uma corrente da Análise do Discurso que não deforma os conceitos de outras disciplinas, mas os incorpora e os questiona em seu quadro teórico (CHARAUDEAU, 2013). Em segundo lugar, o caráter de modelo (de “exemplar”) remete justamente ao lugar axiológico do discurso, denominado por Emediato (2020)

como “lugar das representações”, das competências doxais dos sujeitos que interagem, diferentemente daquilo que esse autor nomeia como “lugar das situações” (das finalidades, da modalização, da argumentação etc.), ou seja, o mundo da ação, da estratégia linguageira, dos atos e objetivos assumidos por um sujeito *de individuação* e que se projeta no intradiscurso. O Modo de Organização Enunciativo faz parte do mundo da ação, mas, neste trabalho, procuramos relacioná-lo com os modelos (mundo dos valores).

A semiolinguística e o modo de organização enunciativo

O linguista Patrick Charaudeau, em 1980, desenvolveu a Teoria Semiolinguística do Discurso. Em vista disso, Oliveira (2003, p. 24) explicita a denominação dada pelo linguista a sua teoria. Conseqüentemente, essa teoria é:

[...] semiótica, porque não se limita ao valor semântico das formas linguísticas; é linguística, porque o ponto de partida da interpretação de um texto é a descodificação dos seus signos verbais; e é do discurso, porque é preciso analisar o texto em seu contexto discursivo, do qual fazem parte outros textos pré-existentes a ele, que circulam na sociedade em geral.

Com base na Semiolinguística, podemos analisar diferentes discursos instituídos, entre eles, o publicitário, o midiático, o literário e o político, por exemplo. Neste estudo, focaremos no discurso midiático, a fim de entender em que medida, na revista *Galileu*, os modelos de comunicação da ciência são significações subjacentes às ocorrências da organização enunciativa das notícias. Por essa razão, trabalharemos com o que Charaudeau (2014) chama de Modo de Organização Enunciativo (fazemos referência a esse Modo com a sigla MOE).

Para Charaudeau (2014, p. 81), “o enunciativo é uma categoria de discurso que aponta para a maneira pela qual o sujeito falante age na encenação do ato de comunicação”. Quanto ao Modo de Organização Enunciativo, ele não deve ser confundido com a situação de comunicação. Nesta última, encontram-se os parceiros do ato de linguagem — seres sociais, externos à linguagem. No enunciativo, o foco está voltado para os protagonistas, locutor e interlocutor, seres de fala, internos à linguagem. (CHARAUDEAU, 2014).

Assim, ao investigarmos o MOE, é necessário termos em mente qual ato enunciativo o locutor (o divulgador) atribui a si e a seu interlocutor (o leitor) em um ato linguageiro. Para tal, Charaudeau (2014) desenvolveu três funções do Modo Enunciativo, que são: alocutiva (estabelecer relação de influência entre locutor e interlocutor), elocutiva (revelar o ponto de vista do locutor) e delocutiva (retomar a fala de um terceiro).

De acordo com Charaudeau (2014, p. 83), na função elocutiva, “o sujeito falante enuncia seu ponto de vista sobre o mundo (o propósito referencial), sem que o interlocutor esteja implicado nessa tomada de posição”. Isto é, quando se trata da função elocutiva, será levada em consideração a manifestação do “eu”, que, neste caso, é o do produtor textual, como se relaciona consigo mesmo.

Na função alocutiva, segundo Charaudeau (2014, p. 82), “o sujeito falante enuncia sua posição em relação ao interlocutor no momento em que, com o seu dizer, o implica e lhe impõe um comportamento”. Em outras palavras, no que diz respeito à função alocutiva, será estudada a relação de influência, isto é, como o divulgador age enunciativamente sobre o público leitor.

Já na função delocutiva, segundo Charau-

deau (2014, p. 83), “o sujeito falante se apaga de seu ato de enunciação e não implica seu interlocutor. Ele testemunha a maneira pela qual os discursos do mundo se impõem a ele”. Ou seja, na função delocutiva, será analisado como o produtor textual “desaparece” no seu ato de enunciação, deixando que o discurso fale por si só.

Para enfocar as três funções do MOE, Charaudeau (2014) concentra-se nos procedimentos da construção enunciativa, pois essa relação permite observar os atos enunciativos e as relações de força que há entre as posições de Eu-enunciador e Tu-destinatário. Esses procedimentos estão sistematizados no Quadro 1, página seguinte.

Considerando os três atos locutivos que modalizam a enunciação, é mister que registremos a possibilidade de cada um deles manifestar-se também em configuração implícita; e não só na explícita. Por exemplo, a categoria modal Constatação, uma das virtualidades do comportamento elocutivo, prevê constatações explícitas, como “**estou vendo** que seu carro está com problemas” (CHARAUDEAU, 2014, p. 91, grifo do autor). Mas o teórico mostra a alternativa pelo implícito, simulada, assim, em uma situação dialogal: “- E então, ele trouxe o que prometeu? - Nada. (eu constato)” (2014, p. 91).

Por essa razão, são possíveis alguns “blefes”, com atos alocutivos injuntivos sem o imperativo e aparentando ser asserções. A partir dessa visão semiolinguística sobre a enunciação, Sabino (2018) avançou ao descrever casos variados em que o locutor utiliza a modalidade alocutiva, em sua intenção, mas por intermédio de uma modalidade formalmente delocutiva. Isso tudo para tal locutor, aparentemente ciente dos valores interacionais em jogo, preserva a sua face e a do seu destinatário (SABINO, 2018). Isso resultou no reconhecimento de alocutivos

Quadro 1 - Procedimentos da construção enunciativa

COMPORTAMENTOS ENUNCIATIVOS	ESPECIFICAÇÕES ENUNCIATIVAS	CATEGORIAS DE LÍNGUA
<p>RELAÇÃO DE INFLUÊNCIA (relação do locutor ao interlocutor) =>ALOCUTIVO</p>	<p>Relação de força (locutor/interlocutor) + -</p>	<p>Interpelação Injunção Autorização Aviso Julgamento Sugestão Proposta</p>
	<p>Relação de pedido (locutor/interlocutor) - +</p>	<p>Interrogação Petição</p>
<p>PONTO DE VISTA SOBRE O MUNDO (relação do locutor consigo mesmo) =>ELOCUTIVO</p>	<p>Modo de saber</p>	<p>Constatação Saber/ignorância</p>
	<p>Avaliação</p>	<p>Opinião Apreciação</p>
	<p>Motivação</p>	<p>Obrigaçã possibilidade Querer</p>
	<p>Engajamento</p>	<p>Promessa Aceitação/recusa Acordo/desacordo Declaração</p>
	<p>Decisão</p>	<p>Proclamação</p>
<p>APAGAMENTO DO PONTO DE VISTA (relação do locutor com um terceiro) =>DELOCUTIVO</p>	<p>como o mundo se impõe</p>	<p>Asserção</p>
	<p>como o outro fala</p>	<p>Discurso relatado</p>

Fonte: Charaudeau (2014, p. 85).

dialógicos², aqueles com implicação não marcada, com peculiaridades pragmáticas variadas (SABINO, 2018).

A par disso, há outras pesquisas que já se debruçaram sobre o Modo Enunciativo em *corpora* de DCM. Glück (2019) investigou como as hiperligações presentes em um *corpus* de dez notícias digitais de DC — das revistas *Galileu* e *Superinteressante* — se ma-

nifestavam discursivamente. Para tal, o pesquisador, a partir dos estudos sobre o discurso de midiatização da ciência, assumiu que a presença das hiperligações atende à dupla finalidade postulada por Charaudeau (2009) — informar e captar —, uma vez que é por meio delas que o leitor tem acesso a outros documentos científicos ou de DC.

Por sua vez, Giering (2019) apresentou resultados de uma pesquisa quantitativa que examinou notícias de DC hipertextuais publicadas na imprensa brasileira. Também

² Por exemplo: impessoalização do destinatário e interpelação dirigida a um terceiro ausente (SABINO, 2018).

ancorada em Charaudeau (2016a), para analisar as restrições da midiática da ciência, a pesquisadora concluiu que a relação entre os exemplares e os textos para os quais os *links* remetem seus leitores aponta para a influência do gênero discursivo e da encenação midiática que cada publicação propõe.

Contudo, embora algumas pesquisas tenham focado a revista *Galileu*, nenhuma delas investigou de que modo a enunciação no gênero notícia favorece uma certa representação de ciência nesse veículo, quer seja a temática da presente investigação. Cogitamos que o tratamento dado à ciência, encaminhado pela encenação enunciativa, toca na dimensão argumentativa, baseando-nos, aqui, em Emediato (2020; 2022) e também em Amossy (2020), pois a distribuição das instâncias enunciativas na trama intradiscursiva, constituída de assimetrias e áreas de afastamento ou de proximidade e adesão entre elas, promoveria uma certa orientação argumentativa. O funcionamento enunciativo e modal dos discursos faz com que os “actantes” da enunciação não sejam apenas expressões da subjetividade, mas pontos centrais das visadas argumentativas dos locutores (EMEDIATO, 2022). Portanto, inculcar-se-iam, pelos textos, identidades de ciência e de público leitor.

Findada a fundamentação teórica que embasa esta pesquisa, passamos à Metodologia.

Metodologia

Para selecionarmos as notícias unitárias da *Galileu* como *corpus*, prezamos por aquelas com modalidade alocutiva, traço mais excepcional. Do conjunto de notícias com essas características, contemplamos, neste artigo, três. Ainda, outros critérios de seleção, para chegarmos a esses três, foram:

- i. *Questão temática*. Já que a *Galileu* é cientificamente generalista, redobramos o cuidado em prol de áreas distintas, para assegurar as configurações variadas de modalidades enunciativas: saúde humana; fósseis e vida animal; e Universo.
- ii. *Período de publicação* das notícias eleitas: todas datam do segundo semestre de 2018, decorrente da experiência de um dos autores deste artigo, Glück, a época, de buscar explicações para o alocutivo nas notícias da *Galileu*.

Operamos com “pequeno *corpus*”, amparados em Moirand (2020), na contramão dos parâmetros frequência e estatística, mas em conjunção com “formas ‘emergentes’ reveladoras do tempo presente e que, portanto, fazem parte de um ‘arsenal argumentativo’ (ANGENOT) em um momento preciso da história de uma sociedade” (MOIRAND, 2020, p. 38). O “arsenal” pode ser entendido, aqui, como o potencial legitimador dos imaginários sociodiscursivos.

Cada notícia foi segmentada em uma numeração que se inicia no título (com o número 1) e finaliza-se no último período do texto; a segmentação por trechos numerados finalizados por ponto facilita a referência no relato analítico. Apesar dessa decomposição, o recorte de análise, na prática, chega a um conjunto de módulos informacionais mais pontuais ainda (parágrafos ou segmentos textuais menores). Nas citações ao *corpus*, valemo-nos do itálico para destacar os enunciados — dentro dos segmentos informacionais devidamente citados — que revelam uma ou outra modalidade enunciativa que está sob comentário no relato analítico.

Este é um estudo que busca testar a hipótese apresentada na Introdução. Com foco nas posições dos sujeitos evocados en-

quanto correlatas de modelos de comunicação da ciência, assumimos, na análise, um viés representacional e interpretativo, consoante a Charaudeau (2011). É que analisar a organização enunciativa, aqui, é procurar “signos-sintomas”, itens que “representam de maneira emblemática sistemas de valores”; modos de a *Galileu* atualizar “grandes representações” ou “discursos de doxa” – que são, no nosso caso, os modelos de comunicação científica –, em consonância com Charaudeau (2011, p. 12).

O relato analítico divide-se em dois, primeiro concentrando-se na modalidade alocutiva e, depois, nas modalidades delocutiva e elocutiva juntas, para caracterizarmos as variáveis pragmático-discursivas dos modelos que se exprimem nas modalidades enunciativas. Assim, correlacionamos os modelos de comunicação da ciência e os conceitos sobre a enunciação com os observáveis do *corpus*, em busca de, indutivamente, recorrências sobre os modelos de comunicação da ciência na discursivização.

Análise dos dados e resultados

Antes de expormos os resultados e a análise do *corpus*, cabe uma caracterização geral de cada uma das notícias examinadas. A primeira, intitulada *Cientistas revelam mais detalhes de mamífero gigante de nove toneladas* (CIENTISTAS, 2018), identificada, ao longo da análise, como N1, propõe-se globalmente a fazer-saber a descoberta de um fóssil de *Lisowicia bojani* e as possíveis características desse animal de 200 milhões de anos.

A segunda notícia (N2) intitula-se *Você deveria comer só seis batatas fritas por porção, diz médico* (VOCÊ, 2018) e tem dois fins discursivos, que são: informar e narrar os resultados de pesquisa que analisa o consumo de batatas-fritas pelas pessoas e fazer

recomendações de consumo do vegetal (um fim discursivo instrucional, de fazer-fazer). Nela, notamos uma divisão temática interna, com o primeiro fim sendo preponderante entre os segmentos informacionais 1 e 9 (o começo da notícia). Mas ocorre mudança de tom do segmento 10 até o final, porção textual que constitui a parte instrucional do texto, com recomendações diretas de consumo saudável de batata.

E quanto à terceira notícia, que será chamada de N3 e cujo título é *Veja fotos de galáxia antes e depois de reparo das lentes do Hubble* (VEJA, 2018), o fim discursivo é fazer-saber os resultados de manutenções no telescópio Hubble e também que, desse trabalho, foi obtido êxito, comemorado pelos pesquisadores em 2018, ano da publicação da notícia.

Os três textos analisados na sequência manifestam principalmente asserções e afirmações de especialistas, o que implica o efeito de apagamento do ponto de vista do locutor divulgador. Entretanto, identificamos, sim, a relação de influência sobre o destinatário (modalidade alocutiva), mesmo como fenômeno pouco marcado e mesmo que o gênero seja notícia. Dedicar-nos-emos, neste início de análise, ao alocutivo.

Modalidade alocutiva e seus cenários de relação com a ciência

No *corpus*, constatamos expressões de modalidade alocutiva que, estando no início das notícias, servem para sensibilizar o leitor e didatizar. Um exemplo é o enunciado a seguir, negrito por nós, presente no título da N3 (o título é o segmento informacional 1).

(1) Veja fotos de galáxia antes e depois de reparo das lentes do Hubble

(2) As imagens foram divulgadas para celebrar os 25 anos da primeira missão de repa-

ração das lentes do telescópio espacial. [...] (N3).

Essa modalidade alocutiva dá-se pela categoria enunciativa Injunção, em uma relação de força sobre o enunciário, mas com um tom de convite.

A Injunção e a imagem³ estando disposta imediatamente abaixo da linha-fina no texto (VEJA, 2018), portanto, em destaque, constituem um recurso de autenticação do fato, que torna a foto um documento. Essa Injunção destoou das outras ocorrências de Injunção verificadas nos casos de alocutivo no *corpus*, em que o poder está no divulgador ou na ciência. Assim, mesmo havendo alguma desigualdade ou assimetria nesse primeiro exemplo (N3) entre locutor e leitor, o ato de ver as fotos corresponde ao mesmo ato realizado pelos especialistas. O ver não é um ato apenas motivador ou propedêutico.

Para melhor interpretarmos o modelo de comunicação aí subjacente, examinaremos os segmentos 1 (esse título), 6 e 11 de maneira conjunta nos próximos parágrafos. Atente-se que os segmentos 6 e 11 realizam a influência (o alocutivo) indiretamente, portanto, são atos alocutivos dialógicos, diferentemente desse do título.

(1) **Veja fotos** de galáxia antes e depois de reparo das lentes do Hubble

(6) **Para provar isso**, a NASA divulgou imagens que comparam a foto de uma galáxia localizada a 55 milhões de anos-luz.

(11) Para comemorar o 25^o aniversário da missão de manutenção, a NASA divulgou **as duas imagens lado a lado para compará-las**. (N3)

Nos enunciados em negrito, o leitor é re-

3 A imagem a que nos referimos aqui corresponde a uma das fotos a que o título (segmento 1) também remete. Na página *web* da notícia (VEJA, 2018), a foto localiza-se logo abaixo da linha-fina, e registra uma galáxia, fotografada pelo telescópio ressaltado na notícia.

presentado como autenticador da diligência da NASA, o que parece oferecer a esse destinatário uma atmosfera de acesso direto à fonte, interpretação autorizada pelas expressões circunstanciais dos segmentos 6 e 11.

Mas é de maneira impessoal e recorrendo-se à referência (“isso”, do segmento 6, e o oblíquo “-las”, do segmento 11) que as locuções adverbiais equipam o fazer-fazer de checagem, convocando a participação do público. O curioso é que o segmento 11 é um comportamento elocutivo, do tipo Constatação, inclusive com o circunstancial aumentando a certeza da factualidade. Então, a ação de comparar não implica o leitor *explicitamente*, o que é uma manobra em prol da restrição de seriedade da DCM.

Nessa configuração enunciativa, valorizam-se a competência e o fazer do leitor em averiguar a qualidade das imagens e de avaliar a mudança técnica no telescópio. Desta maneira, os segmentos 1 (alocutivo convencional), 6 e 11 (alocutivos dialógicos) simulam um modelo de ciência mais compartilhado com o leitor prefigurado, pelo que as marcas textuais indiciam (a preocupação em “provar”). Por isso, o modelo que sustenta esse ato alocutivo é o do conhecimento leigo, o qual mitiga a hierarquia entre o polo científico e o não científico, valorizando as interpretações idiossincráticas do leigo.

Acabamos de observar um caso de mescla de comportamentos enunciativos. Vejamos outro caso assim no segmento informativo 5 da notícia sobre batatas fritas (N2):

(1) Você deveria comer só seis batatas fritas por porção, diz médico.

(2) Especialista de Harvard faz um alerta sobre o consumo de frituras em excesso”.

(4) Quantas batatas fritas vêm em uma porção? (5) Segundo o médico Eric Rimm, da Escola de Saúde Pública da Universidade

Harvard, nos Estados Unidos, **deveriam vir no máximo seis**, pois elas são “uma bomba de amido” e fazem mal à saúde. (N2)

O segmento 5, que se apresenta no primeiro parágrafo da N2, não funda *strictu sensu* o comportamento alocutivo, porque é uma citação. Porém, o fato de o segmento 5 reiterar o fazer-fazer do título (segmento 1) aponta para uma lógica deôntica, significando um dever-fazer por parte do público. Para tanto, saliente-se o pronome genérico “você” (no segmento 1) e o verbo modal (nos segmentos 1 e 5). Mas, para além disso, o alocutivo está mesclado com o delocutivo nessas duas ocorrências. E o segmento 5 nem mesmo elabora um “você” ou um verbo no imperativo.

Do apagamento do “eu”, por meio do futuro do pretérito, e da recomendação ser representada como originada de um terceiro, decorre que essas proposições simulam a ideia de proeminência e de unanimidade do conhecimento científico, como algo “externo”, cuja orientação “moral” resultante a redação *Galileu* nem assume explicitamente, mas apenas replica, como se em consonância com o médico. Outro efeito dessa organização enunciativa é que a ênfase é a fala do “ele”, mas com força injuntiva sobre o “tu”, e os verbos e advérbios (“só”, “no máximo”) cerceiam⁴ o leitor, este como *devendo aceitar*.

Nos enunciados 1 e 5, a redação *Galileu* também se implica, mas em grau muitíssimo menor. A atividade injuntiva, em geral, é outorgada ao médico.

Esses enunciados delocutivamente e alo-

4 Mesmo que não se esteja implicando o leitor na condição de consumidor de batatas, especificamente, no segmento 5, por causa do “deveriam vir” (e não de um possível “você deveria comer”), ainda é real a implicação como atitude sobre os estabelecimentos e profissionais do ramo alimentício.

cutivamente situam o enunciatário como alvo de um apelo e como beneficiário dos resultados científicos. A posição do enunciatário, inferiorizado na relação de força, e a posição da redação *Galileu*, como figura que apenas concorda com a ciência, colaboram para a perspectiva que mescla os modelos contextual e do *déficit*.

Pelo modelo de *déficit*, as proposições enquadram o achado científico como um conhecimento definitivo, de modo que compete aos sujeitos externos à comunidade científica aproveitarem esse conhecimento. Por outro lado (o contextual), há o chamado à participação do leitor pela sensibilização, mas entre os segmentos 4 e 5. De todo modo, o novo saber instaurado no segmento 5 é representado como útil para o cotidiano.

Depois deste parágrafo inicial da N2, que pertence à primeira parte, voltada ao fazer-saber, há a parte 2 (reproduzida a seguir) da notícia, que se inicia no segmento 11 e vai até o 20, e que se presta a uma finalidade mais instrucional. Nela, o enunciador também se apaga do ato de enunciação, como manobra discursiva, usando precipuamente a modalidade delocutiva. Mas o fazer-fazer, está ali, nos trechos negritados:

(11) Pensando nisso, Rimm **recomenda** que **as pessoas** evitem ao máximo o consumo de batatas fritas. [...]. (13) “Acredito que seria legal se **as refeições** viessem com uma salada e seis batatas fritas.”

(14) Ele **recomenda** ainda que **as pessoas** mantenham um registro da quantidade de vezes em que comem esse tipo de fritura e que, tendo uma ideia do que se come diariamente, é mais fácil criar e manter hábitos alimentares saudáveis.

(15) *Batata quente*

(16) Se a batata é uma “bomba de amido” e as fritas trazem vários riscos para a saúde, ainda é possível consumir o vegetal? (17) **A resposta é sim, mas com moderação.** (18)

A especialista Elaine Magee, que já escreveu mais de 25 livros sobre nutrição, **sugere** que as batatas assadas em casa são as mais saudáveis. (19) Depois delas, as fritas também feitas em casa, porém não mergulhadas no óleo, e as batatas doces, que têm mais vitamina A e fibras. [...]. (N2).

Nesse recorte, pelas pistas do alocutivo, promove-se a ciência como instância que proporciona melhorias de hábitos à população. Isso porque as marcas enunciativas demonstram haver espaço para a abordagem de participação pública, primeiramente por causa das Interrogações, que constituem a presença do leitor como sobredestinatário (MOIRAND, 1999), ou seja, aquele fornece suas disposições e referências ao texto. Em segundo lugar, a nomeação “as pessoas” inclui indiretamente o leitor, e o trecho desenvolve uma especificação das possíveis escolhas do leitor para a sua saúde. Portanto, há, aí, apostas para que ele integre o conhecimento científico a suas tomadas de decisão, sendo ele prefigurado como se responsabilizando pela aplicação da ciência.

Modalidades delocutiva e elocutiva e seus cenários de relação com a ciência

Na notícia sobre a descoberta do mamífero gigante, N1, as formas verbais do modo delocutivo e elocutivo (em negrito, a seguir)⁵ demonstram o caráter provisório do conhecimento científico: “a equipe **sugere** que” (segmento informacional 20); a postura de *L. bojani* **poderia** ter ajudado a sustentar seu enorme peso (segmento 21). Vejamos

5 O trecho que reproduzimos, do segmento 20, faz parte do 9º parágrafo da notícia (que tem 11 parágrafos). Nesse parágrafo, é feita uma descrição mais detalhada do *Lisowicia bojani* juntamente com a apresentação de hipóteses sobre como as partes do corpo foram se constituindo e o porquê dessa constituição.

mais detidamente o segmento 20, que finaliza o antepenúltimo parágrafo da N1:

(19) Seus membros posteriores eram retos, como os dos mamíferos de hoje, mas os dianteiros pareciam de um lagarto, com uma curva no cotovelo. (20) A equipe **sugere** que, devido à forma como o osso do úmero de *L. bojani* se conecta com o ombro, suas patas dianteiras devem ter sido orientadas verticalmente, dando-lhe uma postura mais ereta do que nos répteis modernos.

(21) Essa postura, como a dos dinossauros saurópodes e dos mamíferos modernos, poderia ter ajudado a sustentar seu enorme peso. (N1).

O enunciado 20 está modalizado delocutivamente por meio da categoria Discurso Relatado, porque cita-se uma percepção da fonte científica, que é o grupo de pesquisa que publicou o estudo na *Science*. Lembremos, contudo, de que o discurso relatado depende dos matizes de certeza, que modalizam o discurso outro (CHARAUDEAU, 2014).

Por essa abordagem, entendemos que o divulgador de ciência transforma o enunciado citado (segmento 20) para oferecer a interpretação de que houve um momento de “palpite” por parte dos especialistas. Pelo postulado charaudeano que alinha o elocutivo com o delocutivo (CHARAUDEAU, 2014, p. 101), a categoria modal Opinião (do comportamento elocutivo) expressa no “sugere” corresponde à expressão de uma Probabilidade, se encarada pelo lado do quadro delocutivo, pois há uma Probabilidade enunciada pela fonte científica, no sentido de que o locutor principal (a redação *Galileu*) atribui não certeza ao grupo de pesquisadores, que é a fonte. Noutras palavras, em havendo uma posição (Opinião), elocutivamente, da fonte enunciativa da notícia — a de que a anatomia do *L. bojani* resulta em uma postura ereta —, ela é figurada como não sendo

do locutor principal, mas considerada na asserção delocutiva em algum ponto da Probabilidade, média ou forte.

O que a asserção em modalidade delocutiva faz é significar a informação relatada como Probabilidade, e não garantia. Por consequência, a perspectivação que a redação *Galileu* faz, reproduzindo a posição dos pesquisadores, é a de que a anatomia do animal resulta na condição de o Lisowicia bojani ficar mais ereto, distanciando-se dos répteis conforme os conhecemos, o que, aliás, é o que levou os pesquisadores, inicialmente, ao erro de enxergar o animal como um dinossauro.

Promove-se, aí, a ciência como espaço de especulações. Isso se combina com o modelo de participação pública, pelo fato de que a ciência é apresentada como estando em um processo de construção; outras pessoas, aliás, podendo encontrar novos achados.

Quanto à N2, na dimensão da modalidade delocutiva, encontramos asserções atribuídas aos especialistas⁶, a partir do discurso relatado:

(4) **Segundo o médico Eric Rimm**, da Escola de Saúde Pública da Universidade Harvard, nos Estados Unidos, deveriam vir no máximo seis, pois elas são “uma bomba de amido” e fazem mal à saúde.

(8) **De acordo com o Departamento de Agricultura dos EUA**, os norte-americanos comem em média 52 quilos de batatas por ano, um terço delas fritas ou processadas (N2).

Nesses trechos 4 e 8, vemos as falas de outrem, quer sejam de um médico e do Departamento de Agricultura dos EUA, respectivamente. Trata-se de atribuir uma asserção ao discurso especialista. Como a finalidade da notícia é de dizer aos jovens quantas ba-

tatas fritas eles podem comer diariamente, o fazer-fazer, trazer a voz de uma autoridade é fundamental para dar credibilidade a esse ato.

Ainda na modalidade delocutiva, nos segmentos 11 e 12, o locutor redação *Galileu* traz a voz do médico para dizer o que ele, enquanto argumento de autoridade, recomenda aos jovens:

Rimm recomenda que as pessoas evitem ao máximo o consumo de batatas fritas. (11) ‘Não há muitas pessoas mandando três quartos de uma porção de batatas fritas de volta’, disse ele. (12) ‘Acredito que seria legal se as refeições viessem com uma salada e seis batatas fritas’ (N2).

Esses trechos corroboram com a ideia de o especialista instruir o leitor — que, nesse caso, é o público jovem — sobre o quanto este pode consumir desse carboidrato.

Já na dimensão elocutiva, identificamos trechos em que ela é mediada pelo modo delocutivo, o qual prevalece nessa notícia. Um exemplo disso está nos segmentos 11 e 12, conforme trazidos anteriormente.

Nessa fala de Rimm, por meio do discurso direto, percebemos que, enquanto argumento de autoridade (segmentos 11 e 12), o especialista explica o que ele acredita ser importante na alimentação dos jovens. Desse modo, embora a fala de Rimm esteja no modo delocutivo, por se tratar de um discurso relatado, percebemos, no elocutivo, a categoria da Opinião, ao dizer “acredito que seria legal se as refeições viessem [...]”, no segmento 12. No quadro desenvolvido por Charaudeau (2014), na página 101, o linguista prevê esse cruzamento entre os modos elocutivo e delocutivo a partir da categoria da Opinião. Em nosso estudo, comprovamos seu pressuposto.

Há mais um exemplo desse cruzamento nessa notícia, no segmento 8: “De acor-

⁶ Nem sempre em discurso direto, aliás, por isso, faz muito sentido falar em “atribuídas a”.

do com o Departamento de Agricultura dos EUA, os norte-americanos comem em média 52 quilos de batatas por ano, um terço delas fritas ou processadas.”. Nesse trecho, apesar de evocar a fala de um especialista, o modo elocutivo está presente, a partir da constatação feita pelo Departamento de Agricultura dos EUA. Na categoria da Constatação, Charaudeau (2014) esclarece que o leitor é testemunha de uma constatação feita pelo locutor.

Por sua vez, na N3, chamada *Veja fotos de galáxia antes e depois de reparo das lentes do Hubble*, percebemos, por meio da categoria modal Apreciativa, da modalidade elocutiva, adjetivos que remetem à ideia de uma ciência fascinante, nos segmentos 3, 5 e 9:

(3) Nos últimos 28 anos, o Telescópio Espacial Hubble fez diversos registros **fantásticos** do que está escondido no espaço sideral

(5) Mas depois de uma manutenção a visão do dispositivo ficou praticamente **perfeita**.

(9) A **magnífica** galáxia espiral M100 parecia um alvo ideal para o campo de visão do Hubble, mesmo que “seus olhos” ainda estivessem com uma visão turva. (N3)

Trata-se de suscitar um encantamento científico por aquilo que é grandioso e insólito, marcado pelos adjetivos.

Além disso, no segmento 8 dessa notícia (N3), também identificamos um enunciado que demonstra uma ciência que apresenta lacunas e problemas de percurso, assim como se verificou na N1: “(8) Na época, foram selecionados vários objetos astronômicos que o telescópio **deveria** registrar.” (N3). Nesse caso, ao se descrever a metodologia de correção da visão do telescópio, o verbo realçado (“deveria”) aponta para o estar suscetível a erros ou insuficiências também por parte dos cientistas.

Findadas as análises desta pesquisa, passamos à discussão dos resultados.

Notas de fim

Visamos a compreender os mecanismos pelos quais a encenação enunciativa atribui papéis ou atitudes aos sujeitos, delocutivos ou implicados, na relação com o objeto científico das notícias. Com isso, descrevemos e discutimos concepções de ciência (pelos modelos de comunicação da ciência) como significações subjacentes às ocorrências do MOE.

Constatamos os três atos enunciativos — alocutivo, elocutivo e delocutivo — no *corpus*. Salientamos a importância do alocutivo nas notícias, uma vez que é por meio dele que a revista procura captar a atenção do leitor, inclusive, pelo tom jocoso da linguagem.

Na N2, verificamos que os modelos do *déficit*, contextual e participação pública foram manifestados, visto que a finalidade do texto, ao fim e ao cabo, é que as pessoas sejam beneficiadas pela pesquisa. Porém, a voz dos comerciantes, dos produtores e dos jovens não é convocada, apesar de a argumentação indireta lhes dizer respeito. O compromisso cidadão e educativo da DCM, por outro lado, está bem presente na N2.

Além disso, evidenciamos que os modos enunciativos se imbricam, na medida em que há um segmento delocutivo (fala de um especialista) mas que, nesse segmento, expressa-se um comportamento elocutivo desse enunciador, com o qual o locutor divulgador, da *Galileu*, simplesmente concorda.

Deixam-se notar muito bem, no *corpus*, os modelos: contextual, da participação pública e do *déficit*. Os dois primeiros afirmam o envolvimento do público, e não apenas o “envio de dados”, como na N2, que, além de instruir sobre algo “útil”, varia nas recomendações, oferecendo ao leitor margem de manobra no que tange a formas de comer batata frita, porquanto um leitor sobredestinatário. Também esses modelos dialógicos aparecem no ato de ver compartilhado da N3.

Chama atenção a fonte científica enunciando opiniões, e não certezas, como em “*Acredito* que seria legal se as refeições viessem com uma salada e seis batatas fritas”, em uma configuração do elocutivo expresso pelo delocutivo na N2. Esses fatores todos devem-se ao fato de que um discurso por demais “correto”, disciplinar, não ser adequado ao público-alvo, “descolado”, “amigo inteligente” (MIDIKIT, 2015), que requer, portanto, as interpelações para imaginar um mamífero gigante e adentrar os mistérios das conjecturas dos especialistas e as possíveis apropriações práticas e projeções dos estudos. De modo mais pontual, hipóteses e, até mesmo, um erro são imputados à instância do grupo de pesquisadores, na N3, o que promove uma ciência mais aberta, propriamente a ideia de participação pública da ciência, que permite aos outros cidadãos (e outros pesquisadores) acompanharem as continuidades.

Há, ainda, um foco especial em acontecimentos considerados impactantes, como o “só seis batatas”, por imputação futura ao leitor (N2), o que quase foge do factível pelos jovens; o mamífero gigante (N1) e o material “fantástico” do Universo (N3), enquadrando, por um lado, uma ciência apaixonante, mas que, por outro lado, está acima do divulgador e do tu-destinatário, é “certa” (a ponto de poder ensinar alimentação), envolve “êxito” no final (após os desajustes de um telescópio) e geralmente a concordância entre os pares. E confirmamos também a pouca diversificação das fontes perceptivas e epistêmicas dos conteúdos proposicionais, como já demonstrada, de outra maneira, por Motta-Roth e Lovato (2011).

Os resultados apontam para a plausibilidade de as posições enunciativas ecoarem imagens de ciência. As estratégias discursivas mobilizadas nas notícias indiciam dife-

rentes modelos de comunicação da ciência, enquadrando a verdade científica como apenas plausível, ou a ciência como necessária para o bem-estar cotidiano, entre outros.

Para além da identificação da presença muito forte do comportamento delocutivo, nossa investigação contribui para indicar possibilidades enunciativo-pragmáticas que favoreceriam uma ciência mais aberta em notícias, algo a ser pensado nos projetos de DC, no sentido de matizar ou modular o *status* das instâncias enunciativas, no funcionamento enunciativo interno, de modo a captar mais pessoas para a ciência.

Referências

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Coordenação da tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira; tradução: Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2020.

CASTELFRANCHI, Yurij. 2021. **Divulgação científica na contramão**: novos modelos de divulgação científica para tempos de crise. Disponível on-line em: <https://www.youtube.com/watch?v=GHE5P56h_3A>. Acesso em: 20 out. 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida; GAVAZZI, Sigrid (Orgs.). **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-29.

CHARAUDEAU, Patrick. Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. **Revista Diadorim** (UFRJ), v. 10, dez. 2011, p. 1-23.

CHARAUDEAU, Patrick. Sobre o discurso científico e sua midiatização. **Calidoscópico**, v. 14, n. 3, p. 550-556, set./dez. 2016a. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2016.143.18>. Acesso em: 20 set. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CHARAUDEAU, Patrick. Por uma interdisciplinaridade “focalizada” nas ciências humanas e sociais. Trad. Renato de Mello e Renata Aialla de Mello. In: MACHADO, Ida Lucia et al. (Orgs.). **A transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade em estudos da linguagem**. 1. ed. Belo Horizonte: NETII/FALE/UFMG, 2013. p. 17-52.

CIENTISTAS revelam mais detalhes de mamífero gigante de nove toneladas. **Revista Galileu**, São Paulo, 27 nov. 2018. Disponível em: <encurtador.com.br/wDR36>. Acesso em: 9 mar. 2021.

COSTA, Antonio Roberto Faustino da; SOUSA, Cidoval Moraes de; MAZOCCO, Fabricio José. Modelos de Comunicação Pública da Ciência: agenda para um debate teórico-prático. **Conexão (UCS)**, v. 9, n. 18, p. 149-158, jul./dez. 2010.

EMEDIATO, Wander. Problemáticas contemporâneas dos estudos do discurso: por uma análise integrada. In: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lucia; LARA, Gláucia Muniz Proença. (Orgs.). **Teorias do discurso**: novas práticas e formas discursivas. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 19-56.

EMEDIATO, Wander. **Análise do discurso numa perspectiva enunciativa e pragmática**. Campinas: Pontes Editores, 2022.

FARES, Djana Contier; NAVAS, Ana Maria, MARRANDINO, Martha. Qual a participação? Um enfoque CTS sobre os modelos de comunicação pública da ciência nos museus de ciência e tecnologia. In: X Reunión de la Red de Popularización de la Ciencia y la Tecnología en América Latina y el Caribe (RED POP – UNESCO) y IV Taller “Ciencia, Comunicación y Sociedad”, 10., 2007, San José, Costa Rica. **Anais [...]**. San José: RED POP – UNESCO, 2007. p. 1-10. Disponível em: <https://www.cientec.or.cr/pop/2007/BR-DjanaFares.pdf>. Acesso em: 24 out. 2021.

FLORES, Natália Martins. **Identidades midiáticas**: a construção da identidade de ciência na revista Galileu. 2012. 162 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, 2012.

FRANCISCO, Karina Juliana; MARQUES, José Carlos. Ciência e Jornalismo: Análise do Discurso das Revistas Galileu e Superinteressante. In: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM 2018), 41., 2018, Joinville. **Anais eletrônicos [...]**. Joinville: Intercom – So-

cidade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação / Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), 2018. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1540-1.pdf>. Acesso em: 20 set. 2022.

FUCHS, Juliana Thiesen; SOUZA, Juliana Alles de Camargo; GIERING, Maria Eduarda. A relação de comentário como escolha estratégica em textos midiáticos de divulgação científica. **Discursos de popularização da ciência**, v. 1, p. 51-62, 2009.

GLÜCK, Eduardo Paré. **Hiperdiscurso de divulgação científica midiática**: investigando hiperligações em notícias digitais nas revistas Galileu e Superinteressante. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2019. (Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada).

GLÜCK, E. P.; ZANDONAI, M. F. Análise linguístico-discursiva da relação de influência da Redação Galileu sobre seu leitor em notícias de divulgação científica. **Diálogo das Letras**, [S. l.], v. 10, p. e02111, 2021. Disponível em: <http://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/3136>. Acesso em: 10 jun. 2022.

LIMA, Guilherme da Silva; GIORDAN, Marcelo. Entre o esclarecimento e a indústria cultural: reflexões sobre a divulgação do conhecimento científico. In: TAVARES, Denise; REZENDE, Renata. (Org.). **Mídias & divulgação científica**: desafios e experimentações em meio à popularização da Ciência. Rio de Janeiro: Ciências e Cognição, 2014. Disponível em: <http://www.ppgmidiaecotidiano.uff.br/site/wp-content/uploads/2018/03/Livro-Midias-e-Divulg-Cient.pdf>. Acesso em: 20 set. 2022.

LEWENSTEIN, Bruce V. Models of public communication of science and technology. **Public Understanding of Science**, v. 16, p. 01-11, 2003. Disponível em: <https://ecommons.cornell.edu/handle/1813/58743>. Acesso em: 12 nov. 2021.

LEWENSTEIN, Bruce; BROSSARD, Dominique. **Assessing models of public understanding in ELSI outreach materials**, USA: Department of Energy: Final Report. Cornell: Cornell University, 2006.

LOOSE, Eloisa Beling; LIMA, Myrian Regina Del Vecchio de. A ciência nos portais de notícias: notas para pensar a popularização científica a par-

tir do jornalismo online. **Animus** (Santa Maria. Online), v. 12, p. 85-102, jul. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/9085>. Acesso em: 19 set. 2022.

MACHADO, Ida Lucia. Uma das possíveis aplicações da Semiologia: estudo de caso sobre o fenômeno da resiliência. In: MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wander; LARA, Gláucia Muniz Proença (Orgs.). **Teorias do Discurso: novas práticas e formas discursivas**. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 57-78.

MASSARANI, Luisa; BUYS, Bruno. A ciência em jornais de nove países da América Latina. In: MASSARANI, Luisa; POLINO, Carmelo (Orgs.). **Los desafíos y la evaluación del periodismo científico en Iberoamérica: jornadas Iberoamericanas sobre la Ciencia en los medios masivos**. Santa Cruz de la Sierra (Bolívia): AECL, RICYT, CYTED, SciDevNet, OEA. 2008, p. 21-37.

MOIRAND, Sophie. Les indices dialogiques de contextualisation dans la presse ordinaire. **Cahiers de praxématique**, v. 33, p. 145-184, 1999.

MOIRAND, Sophie. A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade. Trad. Fernando Curtti Gibin e Julia Lourenço Costa. **Linguagem**, São Carlos, Dossiê Metodologias de Pesquisa em Ciências da Linguagem, v. 36, n. 1, jul./dez. 2020, p. 20-41.

MOTTA-ROTH, Désirée; SCHERER, Anelise. Popularização da ciência: a interdiscursividade entre ciência, pedagogia e jornalismo. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 11, n. 2, p. 164-189, mai./ago. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/23671>. Acesso em: 20 set. 2022.

MOTTA-ROTH, Désirée; LOVATO, Cristina. O poder hegemônico da ciência no discurso de popularização científica. **Calidoscópico**, v. 9, n. 3, p. 251-268, set./dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2011.93.09>. Acesso em:

19 set. 2022.

MIDIAKIT. Galileu 2015. Globo. Disponível em: encurtador.com.br/gEP46. Acesso em: 10 fev. 2021.

MYERS, Greg. Discourse studies of scientific popularization: questioning the boundaries. **Discourse studies**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 265-279, mai. 2003.

OLIVEIRA, Ieda de. **O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

O GLOBO. **Revista Galileu**. In: O GLOBO. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EGD363-7833,00.html>. Acesso em: 30 mar. 2021.

SABINO, Juliana Lopes Melo Ferreira. **As estratégias de polidez e as modalidades alocutivas na construção do ethos: uma análise discursiva de comentários virtuais a partir de redação do ENEM**. 2018. 189 f. Tese (Doutorado em Linguística) – PUC Minas, Belo Horizonte, 2018.

VALENÇA, Manuel Leite. **Comunicação Pública de Ciência – um Guia para Cientistas**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação de Ciência). Instituto de Tecnologia Química e Biológica, Universidade Nova de Lisboa (UNL), Lisboa, 2015.

VEJA fotos de galáxia antes e depois de reparo das lentes do Hubble. **Revista Galileu**, São Paulo, 5 dez. 2018. Disponível on-line em: encurtador.com.br/hDPW3. Acesso em: 9 mar. 2021.

VOCÊ deveria comer só seis batatas fritas por porção, diz médico. **Revista Galileu**, São Paulo, 6 dez. 2018. Disponível em: encurtador.com.br/tvU37. Acesso em: 9 mar. 2021.

*Recebido em: 25/09/2022
Aprovado em: 15/11/2022*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.